

HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NA EDUCAÇÃO BÁSICA: UM ESTUDO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE PROFESSORES

COMICS IN BASIC EDUCATION: A STUDY OF TEACHERS' SOCIAL REPRESENTATIONS

HISTORIAS CÓMICAS EN LA EDUCACIÓN BÁSICA: UN ESTUDIO DE LAS REPRESENTACIONES SOCIALES DE LOS MAESTROS

LUCIO LUIZ
UNIVERSIDADE ESTÁCIO DE SÁ
RIO DE JANEIRO, RIO DE JANEIRO, BRASIL
LUCIOLUIZPESQ@GMAIL.COM
HTTP://ORCID.ORG/0000-0003-3390-2329

MÔNICA RABELLO DE CASTRO
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO DE JANEIRO
RIO DE JANEIRO, RIO DE JANEIRO, BRASIL
RABELLOMONICA@UOL.COM.BR
HTTP://ORCID.ORG/0000-0002-5371-6374

RESUMO: Este estudo investigou as representações sociais de professores de Educação Básica quanto a sua prática docente na utilização das histórias em quadrinhos em sala de aula. Partimos da hipótese de que professores representam a presença dos quadrinhos no ambiente escolar apenas como ferramenta metodológica, desvalorizando o aspecto de ser uma das várias formas de expressão humana, tais como consideramos serem outras manifestações como a literatura, a pintura e a música. Esta desvalorização pode explicar uma subutilização desta expressão artística nos meios educacionais. Para alcançar este objetivo, utilizamos a Teoria das Representações Sociais em articulação com a Teoria da Argumentação. Os resultados mostraram que, a despeito do que dizem as pesquisas acadêmicas sobre quadrinhos e Educação, com exceção de situações e projetos pontuais, constatamos a subutilização do quadrinho em sala de aula. Isso ocorre, em grande parte, por rejeição e desconhecimento do professor. Além disso, os professores representam os quadrinhos em sala de aula apenas como um meio para se alcançar outros objetivos e mesmo as adaptações literárias são meras ferramentas para que o professor leve o aluno ao que ele considera realmente importante, que são as obras que originam essas adaptações. Como nunca houve uma preocupação em entender a representação que os professores têm do uso dos quadrinhos, criou-se uma crença equivocada de que esses projetos são desenvolvidos de forma generalizada nas escolas brasileiras, quando na realidade eles são a exceção e não a regra.

PALAVRAS-CHAVE: Histórias em quadrinhos. Trabalho docente. Representações sociais. Análise argumentativa; Gênero textual.

ABSTRACT: This research investigated teachers' social representations in Basic Education regarding their teaching practice in the use of comics in the classroom. We started from the hypothesis that teachers represent the presence of comics in the school environment only as a methodological tool, devaluing the aspect of being one of the various forms of human expressions, such as we consider other manifestations such as literature, painting and music. This devaluation may explain an underutilization of this artistic expression in the educational field. To achieve this goal, we use the Social Representation Theory in articulation with Argumentation Theory. The results showed that, despite what academic research on comics and education say, except for situations and specific projects, there is an underutilization of the comic in the classroom. This is largely due to teacher rejection and ignorance. In addition, teachers represent comics in the classroom only as a mean to achieve other goals and even literary adaptations are mere tools for the teacher to take the student to what he considers to be really important, which are the works that originate these adaptations. Since there has never been a concern to understand the representation that teachers have of the use of comics, a misconception has been created that these projects are developed in a generalized way in Brazilian schools, when in reality they are the exception and not the rule.

KEYWORDS: Comics. Teaching work. Social representations. Argumentative analysis. Textual genre.

RESUMEN: Este estudio investigó las representaciones sociales de los maestros de Educación Primaria en cuanto a su práctica docente en el uso de las tiras cómicas en el aula. Partimos de

la hipótesis de que los maestros representan la presencia del cómic en el entorno escolar sólo como una herramienta metodológica, devaluando el aspecto de ser una de las varias formas de expresión humana, como consideramos otras manifestaciones como la literatura, la pintura y la música. Esta desvalorización puede explicar una subutilización de esta expresión artística en los medios educativos. Para lograr este objetivo, utilizamos la Teoría de las Representaciones Sociales junto con la Teoría de la Argumentación. Los resultados mostraron que, a pesar de lo que dice la investigación académica sobre los cómics y la educación, con la excepción de situaciones y proyectos ocasionales, encontramos una subutilización de los cómics en el aula. Esto ocurre, en gran parte, debido al rechazo y la falta de conocimiento del profesor. Además, los maestros representan los cómics en el aula sólo como un medio para lograr otros objetivos e incluso las adaptaciones literarias son meras herramientas para que el maestro lleve al alumno a lo que considera realmente importante, que son las obras que originan estas adaptaciones. Como nunca ha existido la preocupación de comprender la representación que los profesores tienen del uso de los cómics, se ha creado la creencia errónea de que estos proyectos se desarrollan de forma generalizada en las escuelas brasileñas, cuando en realidad son la excepción y no la regla. **PALABRAS CLAVE:** Cómics. Trabajo de enseñanza. Representaciones sociales. Análisis argumentativo. Género textual.

INTRODUÇÃO

A prática escolar no Brasil é pautada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), diretrizes definidas pelo Governo Federal com o objetivo de orientar os professores. Há um PCN para cada grupo de disciplinas, sendo obrigatório para a rede pública de ensino e facultativa para a rede privada. Contudo, segundo Corrêa, Echeverria e Oliveira (2006, p. 12), os professores costumam ter dificuldade com alguns dos conceitos dos PCN, como a transversalidade, especialmente professores das escolas públicas que, muitas vezes, não possuem preparação para esse tipo de trabalho diferenciado.

Um dos temas transversais na área de Linguagens nos PCN são as histórias em quadrinhos (também chamadas de quadrinhos, HQs ou arte sequencial), consideradas como um dos gêneros adequados para o trabalho com a linguagem escrita. Os PCN ainda indicam que eles devem estar presentes nas bibliotecas escolares (SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL, 1997, p. 61).

As histórias em quadrinhos são uma forma de arte baseada em imagens e palavras (por vezes, apenas imagens), porém que não se enquadra nem como artes plásticas nem como literatura, sendo, outrossim, uma forma de arte independente.

Segundo Cirne (2000, p. 58):

os quadrinhos, enquanto expressão artística e narracional, extrapolam o desenho e a pintura; não se limitam a seus parâmetros propriamente formais. Se acolhem e/ou refletem os nossos sonhos, o fazem de modo original: a originalidade que implica experiência onírica e, muitas vezes, um certo grafismo marcado pela sensualidade.

Segundo McCloud (2005, p. 9), uma possível definição para os quadrinhos seria a de “[...] imagens pictóricas ou de outra espécie justapostas em uma sequência deliberada, com a intenção de transmitir informações ou produzir uma reação estética no espectador/leitor”. De acordo com esta definição, as antigas fotonovelas e até determinados vitrais de Igrejas poderiam ser classificados como histórias em quadrinhos. Essa dificuldade de se definir de forma precisa o que é e o que não é história em quadrinhos dá margem para diversos posicionamentos da pesquisa da área (CHINEN, 2011, p. 7).

Cirne (2000, p. 23), por exemplo, apresenta um conceito mais básico aos quadrinhos, definindo-os como “uma narrativa gráfico-visual, impulsionada por sucessivos cortes, cortes esses que agenciam imagens rabiscadas, desenhadas e/ou pintadas”. Groensteen (2015, p. 34),

afirma que “a história em quadrinhos é uma combinatória original de uma (ou duas, com a escrita) material(is) de expressão, e um conjunto de códigos”.

São ainda poucas as pesquisas acadêmicas com a temática das histórias em quadrinhos em sala de aula, na área da Educação. Porém, a bibliografia sobre quadrinhos na educação, de maneira geral, vem crescendo de maneira constante no Brasil, especialmente desde 2004, quando o assunto passou a ter uma atenção maior por parte das políticas nacionais de Educação (NOGUEIRA, 2017, p. 50). Porém, tanto nos estudos científicos quanto na literatura em geral sobre o tema, o professor costuma aparecer como alguém que já possui uma predisposição para o uso dos quadrinhos. Não há questionamento acerca do real interesse do docente ou sequer se ele considera os quadrinhos pertinentes a sua prática. Os pesquisadores não perguntam como o professor eventualmente “faz”, optando, ao contrário, em mostrar como ele “deve fazer”.

Os professores sem uma preparação para o uso das histórias em quadrinhos, tanto em sua potencialidade artística quanto utilizando suas possibilidades de desenvolvimento da linguagem visual, acabam por se focar no que conhecem, dentro de sua zona de conforto. Supomos que há uma subutilização das HQs em sala de aula, focada quase que exclusivamente em adaptações literárias (YAMAGUTI, 2014, p. 455)

No Brasil, as adaptações literárias em histórias em quadrinhos sempre foram encaradas de forma positiva por educadores. Na segunda metade do século XX, por exemplo, o editor brasileiro Adolfo Aizen passou a publicar no país a versão nacional da revista *Classics Illustrated* (com o nome de *Edição Maravilhosa*). A revista consistia, essencialmente, em apresentar clássicos da literatura para os leitores mais jovens, utilizando os quadrinhos como “ponte” para que crianças e adolescentes se interessassem em ler livros (RAMOS; VERGUEIRO; FIGUEIRA, 2014, p. 16). No entanto, com exceção dessas adaptações literárias e de casos isolados (como a revista infantil *Sesinho*, produzida pelo Serviço Social da Indústria - SESI), os quadrinhos continuavam afastados das escolas, mesmo no caso das HQs infantis, que sempre gozaram de muita popularidade no Brasil, especialmente no caso da Turma da Mônica e quadrinhos da Disney (MATTOS, 2009, p. 66).

Segundo Vergueiro e Ramos (2009, p. 10), com pouquíssimas exceções (como o uso de tiras em livros didáticos a partir dos anos 1980), foi apenas em 1997, com a publicação recomendação do uso de histórias em quadrinhos nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) destinados à Língua Portuguesa, que sua presença nas salas de aula começou a tomar força.

Embora citada nos PCN, o maior incentivo à presença dos quadrinhos em sala de aula veio com sua inclusão Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), a partir de 2006, principalmente em relação às adaptações de obras literárias, o que pode ser notado pela indicação da preferência por esse tipo de material em quase todos os editais do PNBE (VERGUEIRO; RAMOS, 2009, p. 12).

O PNBE foi criado em 1997 com o objetivo de “promover o acesso à cultura e o incentivo à leitura nos alunos e professores por meio da distribuição de acervos de obras de literatura, de pesquisa e de referência” (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, s.d., s.p). Em essência, o PNBE seleciona, a partir de edital público, livros dos mais variados gêneros para distribuição nas bibliotecas de todas as escolas públicas do país. De forma alternada, em um ano são contempladas as instituições destinadas à Educação Infantil, primeiro segmento do Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos, e, no outro ano, a escolas do segundo segmento do Ensino Fundamental e Ensino Médio. As histórias em quadrinhos foram incluídas nos editais a partir de 2006, sendo distribuídos em 2007 (o edital sempre faz referência ao ano seguinte ao qual é divulgado). Segundo Vergueiro e Ramos (2009, p. 12), dez obras em quadrinhos foram selecionadas em um total de 225 títulos, correspondendo a apenas 4,5% do total de livros. Além

disso, o edital priorizava adaptações literárias, ao especificar no 5º item: “Livros de imagens e livros de histórias em quadrinhos, dentre os quais se incluem obras clássicas da literatura universal artisticamente adaptadas para o público jovem”.

Essa preferência pelas adaptações literárias fez crescer consideravelmente o número de histórias em quadrinhos voltadas a essa temática, despertando o interesse de diversas editoras nacionais, especialmente as dedicadas à publicação de livros didáticos e paradidáticos, já que ser selecionado no PNBE significa ter uma venda que varia entre 15 mil e 48 mil cópias, enquanto que a tiragem comercial média raramente chega a 3 mil exemplares (RAMOS, 2012, p. 223). Em 2013, por exemplo, 61% dos quadrinhos selecionados para distribuição nas bibliotecas das escolas públicas eram adaptações de obras clássicas das literaturas brasileira e universal, embora exista uma tendência de se considerar os quadrinhos de uma maneira mais ampla, especialmente depois que o edital de 2014 que retirou pela primeira vez a observação sobre as adaptações literárias.

A falta de preparação do professor, aliada ao desconhecimento ou, por vezes, preconceito histórico contra as histórias em quadrinhos como forma legítima de expressão artística, diante de uma “imposição” de seu uso em sala de aula, faz com que as HQs sejam utilizadas apenas como recurso pedagógico para que o aluno leia obras clássicas.

Diante disso, esta pesquisa buscou investigar questões pertinentes à prática docente no Brasil, especificamente em relação à utilização das histórias em quadrinhos como objeto pedagógico. Nossa investigação optou por focar as representações sociais de professores de Língua Portuguesa da Educação Básica em relação ao uso das histórias em quadrinhos em sala de aula. Esse recorte ocorreu porque, como este é um tema pouco explorado, entendemos ser pertinente que essa primeira análise ocorresse com a disciplina que, considerando os PCN, é a que mais diretamente trabalha com os quadrinhos. Apresentamos nossas opções teórico-metodológicas e, em seguida, resultados obtidos.

APORTES TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Esta pesquisa foi fundamentada na Teoria das Representações Sociais (TRS), de Serge Moscovici. Segundo a TRS, cada grupo constitui objetos nas interações entre seus membros, sendo que uma mesma pessoa possa participar de mais de um grupo, com os quais se identifica. Por exemplo, uma mesma pessoa pode fazer parte do grupo de “professores” e de “fãs de cinema” e em cada um desses grupos compartilhar com os demais membros objetos eventualmente distintos de seu outro grupo de pertença. Quem fala o faz a partir da identificação da pertença de seu interlocutor, localizando objetos na rede de significados que supõe este ter. A TRS busca compreender processos que constituem tais objetos, considerando que as representações sociais sempre são formadas nas interações no interior ou entre grupos sociais. Segundo Castro (2016, *apud* CASTRO *et al.*, 2016, p. 184), “[...] representações sociais são um conjunto organizado e hierarquizado de julgamentos, atitudes e informações que um dado grupo social elabora sobre um objeto, resultando um processo de apropriação e reconstrução da realidade em um sistema simbólico”.

A TRS, portanto, fornece o ferramental necessário para entender como os professores percebem o uso dos quadrinhos em sala de aula e se, efetivamente, levam em consideração a forma como o tema usualmente é apresentado. Desse modo, pode nos fornecer pistas de como

o professor concebe a prática do uso dos quadrinhos e que redundam no modo como organiza suas ações, escolhas, falas e atitudes.

Utilizamos nesta investigação a ideia de que as representações sociais são uma estrutura organizada e que o acesso a ela é privilegiadamente dado nas interações linguísticas entre os sujeitos. Diante disso, nossa opção é a utilização da abordagem processual através de seus processos de ancoragem e objetivação. A abordagem processual, liderada por Denise Jodelet, permite compreender os processos que formam as representações a partir do estudo pormenorizado da gênese e transformação de representações sociais:

a abordagem processual caracteriza-se por considerar que o acesso ao conhecimento das representações sociais deve basear-se em uma abordagem hermenêutica, compreender o ser humano como produtor de significados, enfocando a análise de produções simbólicas, significados, linguagem, por meio de quais seres humanos constroem o mundo em que vivemos (BANÇHS, 2000, p. 36, tradução nossa).

Isso pode ser obtido através da análise dos processos denominados por Moscovici (2003, p. 60) de objetivação e ancoragem. Segundo Alves-Mazzotti (2008, p. 24), esses dois processos, respectivamente “[...] têm, sobretudo, a função de duplicar um sentido por uma figura e, portanto, objetivar e uma figura por um sentido, logo, consolidar os materiais que entram na composição de determinada representação”. Em outras palavras, a objetivação permite que conceitos e ideias desconhecidos se tornem familiares para determinado grupo social, enquanto a ancoragem gera conhecimentos que ficam disponíveis na rede de significações deste grupo. A ancoragem, segundo Jodelet (2016, p. 38), “[...] enraíza a representação e seu objeto numa rede de significações que permite situá-los em relação aos valores sociais e dar-lhes coerência”. A ancoragem, portanto, instrumentaliza o saber e dá continuidade à objetivação. Moscovici (1976, p. 83) afirma que “a objetivação mostra como os elementos representados se integram a uma determinada realidade social, enquanto a ancoragem permite apreender a maneira como eles contribuem para modelar as relações sociais”.

Sobretudo no acesso aos processos de objetivação, privilegamos a contribuição das metáforas, na perspectiva da retórica, pelo modo como ela orienta o pensamento, condensando significados, por possibilitar grande economia no linguajar cotidiano (PERELMAN, 1970, p. 4). Consideramos as metáforas em seus aspectos para além de ser figura de linguagem. A metáfora pode ser entendida como uma tentativa de predicação de algo que queremos conhecer (o tema), por meio de sua comparação com algo que já supomos conhecer (o foro). Podemos dizer que o tema é comparado com o foro. Neste caso, o tema é o que se quer “significar ou ressignificar”, o foro é algo conhecido, do qual se retira significados que são transferidos ao tema (MAZZOTTI, 2013, p. 69).

A formação das representações se dá no interior das interações sociais, tornando-se parte do repertório do grupo. Isso possibilita a comunicação e orienta as práticas sociais, tendo como prerrogativa um sistema de linguagem próprio reconhecido e validado pelo grupo. Isso está em consonância com a não existência de uma hierarquia entre o pensamento e a comunicação dele.

Os sujeitos quando interagem e para terem suas falas legitimadas, portanto, tendem a ter como referência o que em seu grupo de pertença é considerado desejável ou preferível. Várias são as técnicas desenvolvidas para o acesso a esses processos. Considerando que, na interação, são utilizados argumentos na maioria dos casos nem sempre explícitos, a Teoria da Argumentação fornece elementos para o acesso a uma compreensão do que é dito.

A análise argumentativa nos permite entender o que o sujeito efetivamente pretende em sua ação performática, a partir dos argumentos que utiliza e das controvérsias que surgem durante a interação. A Teoria da Argumentação proposta por Perelman e Olbrechts-Tuteca (1992,

p. 4) fornece elementos para essa análise, acessando o que seria uma lógica argumentativa, uma lógica praticada nas interações sociais, diferente da lógica formal, pela análise dos motivos pelos quais o sujeito fala da forma como fala. Castro (2016, *apud* CASTRO *et al.*, 2016, p. 163) afirma que “[...] na hora da análise argumentativa, e já conhecido o teor do material bruto, o analista deve evidenciar o modo como o locutor organizou sua argumentação: as teses (o motivo da controvérsia), os acordos escolhidos, e como foram ligados acordos à tese”.

A opção pela Teoria da Argumentação articulada às TRS nos dá o ferramental teórico necessário para entender os argumentos presentes no discurso dos professores. Essa análise busca o sentido do que é dito, levando em consideração os significados que são compartilhados por seu grupo de pertença, suas referências comuns (CASTRO, 2016, *apud* CASTRO *et al.*, 2016, p. 163).

Utilizamos o Modelo da Estratégia Argumentativa - MEA (CASTRO, BOLITE-FRANT, 2011, p. 10) articulado com a TRS para entender a estratégia dos sujeitos em seu discurso, a partir da identificação de teses e acordos que revelam como a argumentação é organizada. As teses os acordos e que as justificam são possíveis elementos das representações sociais do objeto analisado em relação ao grupo de pertença do sujeito, já que são as referências que fazem uso em suas conversas.

Neste trabalho, analisamos entrevistas semidiretivas e de confrontação retórica, (CASTRO, 2016, *apud* CASTRO *et al.*, 2016, p. 163). Pelo fato de esta pesquisa abordar um tema pouco explorado e, conseqüentemente, possuir uma grande abrangência de dados a coletar, optou-se pela pesquisa qualitativa e por uma seleção de sujeitos de espectro mais amplo dentro do recorte feito: professores tanto de escolas públicas quanto privadas, tanto a favor quanto contra o uso de HQs em sala de aula e tanto de Ensino Fundamental quanto de Ensino Médio. Foram feitas quatro entrevistas individuais e uma em grupo (neste caso, utilizando-se a técnica da confrontação retórica aliada ao MEA), das quais foram levantados os pontos comuns pertinentes à identidade do grupo de pertença dos sujeitos com base no critério de redundância.

A análise dos dados foi feita inicialmente de forma individual para cada sujeito e para o grupo. Com base nas controvérsias dos sujeitos em relação ao desenvolvimento das teses, foi possível observar diversos padrões a partir dos quais as questões da pesquisa foram respondidas. Foram evidenciados indícios fortes das representações sociais do uso as histórias em quadrinhos para o grupo de professores em geral. Embora este grupo esteja espalhado geograficamente, a literatura já evidenciou referências comuns muito fortes, o que nos permitiu apontar estes resultados como bons indicadores da realidade analisada.

RESULTADOS

A primeira questão levantada foi referente aos motivos alegados para o uso das histórias em quadrinhos (HQs) em sala de aula, tendo como principal posicionamento o interesse natural que os alunos têm quanto à leitura dos quadrinhos como algo mais divertido e interessante do que a literatura tradicional. Porém, já nesse momento, o quadrinho foi evocado como um gênero de menor importância, menos sério e desvalorizado porque, a despeito de sua utilidade pedagógica, as referências dos sujeitos geralmente são voltadas às HQs servindo de ponto de partida para gerar o interesse nos alunos pela literatura clássica e, assim, alcançar objetivos que, na visão dos professores, seriam realmente pertinentes. Além disso, o entendimento dos professores é de que o quadrinho é atrativo por ser visual. Isso permitiu inferir que, apesar

de ser um gênero pictórico-verbal, no qual a união de texto e imagem é fundamental para sua compreensão enquanto obra artística, esses dois elementos são usados separadamente, privilegiadamente, o texto.

Em relação ao texto, ele acaba sendo usado no estudo da Gramática ou como forma de apresentar textos simples e informais para estimular a leitura de obras consideradas complexas. Quanto às imagens, elas já são usadas para gerar atratividade para os alunos e estimular a criatividade ao se eliminar os textos originais e pedir que sejam criadas novas histórias com base apenas nos desenhos. Isso ocorre porque há uma dissociação entre texto e imagem, com o professor não entendendo que, na leitura de uma história em quadrinhos, os dois estão intimamente ligados. Autores de histórias em quadrinhos sequer são mencionados, como se não existissem. As teses defendidas reforçam a questão trabalhada em todas as entrevistas de que o quadrinho é percebido como uma ferramenta, um disparador, um facilitador para o trabalho em sala de aula.

Os motivos alegados pelos professores para o uso dos quadrinhos em sala de aula são pautados em trabalhos nos quais poderiam ser utilizados outros objetos distintos mantendo a mesma proposta, como, para citar dois exemplos, textos simples para estudo gramatical ou tirinhas de ilustração para criação de histórias a partir da leitura de imagens.

Outra questão apresentada foi quanto à resistência dos professores ao uso dos quadrinhos. O entendimento é de que isso ocorre principalmente por esse uso ser algo novo no contexto escolar, já que antes dos PCN as iniciativas eram individuais e, conseqüentemente, só utilizava quem provavelmente tivesse uma predisposição para esse trabalho. A rejeição dos professores, contudo, seria não especificamente contra os quadrinhos, mas a toda e qualquer mudança. Nesse caso, as HQs fazem parte de uma mudança por terem sido inseridas nos livros didáticos como objeto de estudo de forma relativamente recente (antes aparecia apenas como material de apoio).

Pela mesma razão, apesar de os professores avaliarem a presença dos quadrinhos em sala de aula como algo válido, esse pensamento muitas vezes está associado à validação que ocorre por sua presença nos livros didáticos. Ou seja, novamente, essa aparente percepção positiva esconde uma desvalorização do quadrinho, já que essa “validade” que ele tem é referente a sua utilidade como ponte para se alcançar outros objetivos, conforme levantado anteriormente.

Os indícios das representações sociais das HQs por professores da escola básica foram confirmados de sujeito a sujeito. Conforme fazíamos as análises, esses elementos reapareciam de forma quase imediata, como referências nítidas do grupo de pertença. Mesmo quando havia discordâncias entre os sujeitos, elas eram no sentido de confirmá-las. Um dos principais elementos que apontam indícios das representações dos professores enquanto grupo acerca dos quadrinhos foi detectado na questão referente à inserção das HQs no contexto da arte-educação e expressões artísticas e literárias. Apesar da prioridade dada pelos professores às imagens dos quadrinhos, estes têm pouca ou nenhuma inserção nas disciplinas ligadas às Artes. Contudo, em relação às expressões literárias, encontra-se aquela que aparenta ser a principal utilização dos quadrinhos nas aulas de Língua Portuguesa: as adaptações literárias.

Adaptações de obras literárias existem não apenas nos quadrinhos, mas também no cinema, teatro, televisão etc. No entanto, enquanto nesses outros gêneros, a adaptação tem a possibilidade de ser entendida como uma obra válida, independente daquela que a originou, nos quadrinhos as adaptações acabam sendo encaradas pelos professores como algo menor.

A objetivação das representações sociais do uso das HQs apareceu condensada, sobretudo, na metáfora do “aperitivo”. Aperitivo é algo servido antes da refeição principal, algo que nos motiva a comer. O quadrinho, portanto, é percebido como um “aperitivo” para a

obra literária da qual é adaptado, não podendo ser considerado como literatura “de verdade”. Essa visão é reforçada pelo entendimento de que os quadrinhos que não são adaptações servem apenas para o lazer, já que as HQs serviriam principalmente para quem não gosta de ler.

Mais uma vez, a forma de encarar as adaptações literárias no contexto escolar é um indicativo da desvalorização dos quadrinhos enquanto gênero único. Isso fica mais evidente ao se perceber que as adaptações são os únicos quadrinhos trabalhados de forma íntegra, já que os demais são “retalhados” para que se use texto ou imagem de forma independente, conseqüentemente não importando seu conteúdo, desprezando-se totalmente a autoria deles.

Essas duas principais formas de trabalhar os quadrinhos (de forma “retalhada” ou através de adaptações que servem apenas de ponte para as obras originais), aliada à falta de formação dos professores para o uso dos quadrinhos, permite entender melhor a questão seguinte, sobre qual seria a influência dos PCN e do PNBE para o uso das HQs pelos professores.

Resumindo, o livro didático é o que garante a presença do quadrinho em sala de aula, embora não seja capaz de moldar a forma como os professores o utilizam. Este ponto é a outra ancoragem presente nas discussões: a rejeição dos professores em relação às HQs. Essa rejeição encontra duas bases que a sustentam: a recusa de se aceitar o novo (no caso, os quadrinhos começaram a estar presentes nos livros didáticos como gênero, e não apenas como ferramenta, desde o início dos anos 2000, aproximadamente) e o entendimento de que os quadrinhos não estão no mesmo patamar que a literatura tradicional. Pelo contrário, as HQs seriam inferiores, menos sérias e descartáveis. Por fim, outro elemento de ancoragem das discussões foi a presença maciça das adaptações literárias em quadrinhos em sala de aula e seu uso como mera ponte para se alcançar a obra original, essa sim algo com valor.

Em relação ao PNBE, foi levantado que a maior parte dos professores utilizaram quadrinhos levados por si mesmos ou pelos alunos. Poucos usaram material presente na biblioteca escolar e que não pôde ser confirmado se fora adquirido através do PNBE. Sua importância, porém, é indireta ao ter estimulado o mercado editorial a produzir e publicar quadrinhos voltados ao uso em sala de aula.

Já os PCN são a origem do principal motivo que leva os professores a aceitar a presença dos quadrinhos em sala de aula atualmente: os livros didáticos. Os PCN são a base para a elaboração do conteúdo dos livros didáticos e, por inserir o quadrinho como gênero a ser trabalhado na área de Linguagens, isso fez com que as HQs estivessem presentes enquanto gênero em boa parte do material didático produzido a partir dos anos 2000.

O livro didático, portanto, justifica o uso dos quadrinhos, já que muitos professores só os utilizam porque precisam seguir um planejamento que costuma ser feito diretamente pautado no conteúdo do livro didático. Ainda assim, apesar de presente no livro didático como gênero, o quadrinho é visivelmente encarado pelos professores como um “gênero menor”, sendo utilizado de forma hierarquicamente inferior a outros gêneros mais tradicionais, como a literatura.

Além disso, sua presença no livro didático garante apenas a sua presença em sala de aula, mas não molda a forma como ele é efetivamente utilizado pelos professores, pois, como há uma desvalorização e um desconhecimento em relação aos quadrinhos enquanto gênero, a mera presença deles no livro didático não soluciona tais problemáticas.

Esses tópicos foram os principais elementos que geraram indícios das representações sociais dos quadrinhos pelos professores, todos pautados no entendimento de que os quadrinhos não deveriam estar em sala de aula, a não ser como forma de se alcançar conteúdos que realmente importam.

Por fim, independente da forma como o professor entende o uso dos quadrinhos, a percepção do grupo quanto à receptividade dos alunos é positiva. Porém, apareceu muita

oposição entre os conceitos de prazer e estudo. O entendimento é de que os alunos gostam dos quadrinhos e os demandam exatamente por ser, na visão dos professores, um gênero informal, de simples compreensão e desligado da norma culta.

Após analisar todas as questões de estudo, pode-se chegar a algumas conclusões: a despeito do que dizem as pesquisas acadêmicas sobre quadrinhos e Educação, com exceção de situações e projetos pontuais, há uma subutilização dos quadrinhos em sala de aula em grande parte por rejeição e desconhecimento do professor.

Conforme a hipótese levantada no início desta investigação, os professores de Língua Portuguesa da Educação Básica representam os quadrinhos em sala de aula apenas como uma ferramenta para se alcançar outros objetivos. Os aspectos únicos das histórias em quadrinhos, que as diferenciam de outros gêneros, são ignorados em detrimento do uso de imagens ou textos de forma independente, o que anula sua característica primordial que é a narrativa a partir da união intrínseca entre texto e imagem.

Além disso, aquela que aparentemente seria a única forma de se utilizar as obras de arte sequencial de forma plena, que seriam as adaptações literárias, são na realidade meras ferramentas para que o professor leve o aluno ao que realmente importa, que são as obras que originam essas adaptações. Os quadrinhos, portanto, são além de tudo descartáveis.

As potencialidades literárias, artísticas e educacionais dessas obras são desconsideradas pelos professores, mesmo havendo farta literatura que apresente projetos os mais variados do uso das HQs em sala de aula de maneira efetiva. Contudo, como nunca houve uma preocupação em entender a representação que os professores têm do uso dos quadrinhos, criou-se uma crença equivocada de que esses projetos são desenvolvidos de forma generalizada nas escolas brasileiras, quando na realidade eles são a exceção e não a regra.

Esta investigação traz uma primeira luz quanto às representações sociais dos professores em relação ao uso dos quadrinhos. Esperamos que os indícios aqui apresentados estimulem outras análises que aprofundem este tema tão importante e até agora praticamente ignorado pelas pesquisas na área de Educação.

As representações aqui relacionadas podem ser um ponto de partida para o desenvolvimento de estratégias que visem estimular o uso dos quadrinhos de forma efetiva, enquanto gênero de características próprias em sala de aula e, talvez, reduzir a rejeição dos professores, que muitas vezes são obrigados a aceitar em suas aulas a presença de algo sobre o qual possuem resistência, e grande desconhecimento, o que possivelmente ocorre por um desconhecimento pautado em conceitos equivocados, como a de que quadrinhos seriam só para crianças ou que não permitem uma leitura complexa, entre outros lugares-comuns.

Ressentimo-nos também de maiores discussões sobre o tema em nossa área, que alimentasse políticas mais efetivas sobre o uso de quadrinhos. Tal como a literatura de cordel, os quadrinhos não são vistos como manifestações culturais legítimas e que, por isso, deveriam transitar com maior prestígio no ambiente escolar.

REFERÊNCIAS

ALVES-MAZZOTTI, A. J. Representações sociais: aspectos teóricos e aplicações à educação. **Revista Múltiplas Leituras**, v. 1, n. 1, p. 18-43. jan./jun. 2008. DOI: <https://doi.org/10.15603/1982-8993/ml.v1n1p18-43>

BANCHS, M. A. Aproximaciones procesuales y estructurales al estudio de las Representaciones Sociales. **Papers on Social Representations**, v. 9, p. 3.1-3.15, 2000.

CASTRO, C. R. Confrontação Retórica. In: CASTRO, M. R. et al. **Análise das interações em educação: retórica, argumentação, comunicação e representações sociais**. Nova Iguaçu, RJ: Marsupial, 2016.

CASTRO, M. R. Revisitando o ferramental teórico e metodológico do MEA. In: CASTRO, M. R. et al. **Análise das interações em educação: retórica, argumentação, comunicação e representações sociais**. Nova Iguaçu, RJ: Marsupial, 2016.

CASTRO, M. R.; FRANT, J. B. **Modelo da estratégia argumentativa: análise da fala e de outros registros em contextos interativos de aprendizagem**. Curitiba: Editora da UFPR, 2011.

CHINEN, N. **Linguagem HQ: conceitos básicos**. São Paulo: Criativo, 2011.

CIRNE, M. **Quadrinhos, sedução e paixão**. Petrópolis: Vozes, 2000.

CORRÊA, S. A.; ECHEVERRIA, A. R.; OLIVEIRA, S. de F. A inserção dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) nas escolas da rede pública do Estado de Goiás - Brasil: a abordagem dos temas transversais - com ênfase no tema Meio Ambiente. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, v. 17, jul./dez. 2006. Disponível em: <https://www.seer.furg.br/remea/article/view/3021/1710>. Acesso em: 10 abr. 2016. DOI: <https://doi.org/10.14295/remea.v17i0.3021>

GROENSTEEN, T. **O sistema dos quadrinhos**. Nova Iguaçu, RJ: Marsupial, 2015.

JODELET, D. Représentations sociales: un domaine en expansion. In: JODELET, Denise. **Les représentations sociales**. Paris: PUF, 1989, pp. 31-61. Disponível traduzido em: https://www.researchgate.net/publication/267923440_Les_representations_sociales_un_domaine_en_expansion. Acesso em: 5 jun. 2016.

MATTOS, G. **Desmontando os quadrinhos: história em quadrinhos, educação e regionalidade**. Cuiabá: Carlini & Caniato: EduFMT, 2009.

MAZZOTTI, T. B. Em direção a uma ciência dos saberes das práticas educativas. In: MAIA, H.; FUMES, N. F.; JUNQUEIRA W. M. A. (Org.). **Formação, atividade e subjetividade: aspectos indissociáveis da docência**. Nova Iguaçu, RJ: Marsupial, 2013.

MAZZOTTI, T.; ALVES-MAZZOTTI, A. J. Análise retórica nas pesquisas em representações sociais. In: ALVEZ-MAZZOTTI, A. J.; FUMES, N. L. F.; AGUIAR, W. M. J. **Estudos sobre a atividade docente: aspectos teóricos e metodológicos em questão**. São Paulo/Maceió: EDUC, EDUFAL, 2010.

MCCLOUD, S. **Desvendando os quadrinhos**. São Paulo: M. Books, 2005.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE)**. Ministério da Educação, s.d. Disponível em http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12368&Itemid=575. Acesso em: 5 out. 2014.

MOSCOVICI, S. **La psychanalyse, son image et son public**. Paris: PUF, 1976.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2003.

NOGUEIRA, N. A. S. **As histórias em quadrinhos e a escola: práticas que ultrapassam fronteiras**. Leopoldina, MG: ASPAS, 2017.

PERELMAN, C. Analogie et métaphore em science, poésie et philosophie. In : **Le Champ de l'argumentation**. Bruxelles : Éditions de l'Université de Bruxelles, 1970.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. **Traité de l'argumentation**. Bruxelles: Éditions de l'Université de Bruxelles, 1992.

RAMOS. **Revolução do gibi: a nova cara dos quadrinhos no Brasil**. São Paulo: Devir, 2012.

RAMOS, P.; VERGUEIRO, W.; FIGUEIRA, D. (Org.). **Quadrinhos e literatura: diálogos possíveis**. São Paulo: Contexto, 2014.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa**. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1997.

VERGUEIRO, W.; RAMOS, P. **Quadrinhos na educação**: da rejeição à prática. São Paulo, Contexto, 2009.

YAMAGUTI, V. As adaptações literárias em quadrinhos selecionadas pelo PNBE: soluções e problemas na sala de aula. **Olh@res**, v. 2, n. 1, p. 441-459, maio 2014. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/olhares/article/view/164>. Acesso em: 1 jun. 2016. DOI: <https://doi.org/10.34024/olhares.2014.v2.164>

SOBRE OS AUTORES

Lucio Luiz: Possui graduação em Comunicação Social (Jornalismo) pela Universidade Gama Filho (1998), Mestrado em Educação pela Universidade Estácio de Sá (2009) e Doutorado em Educação pela Universidade Estácio de Sá (2018). Atualmente é editor na Marsupial Editora.

Monica Rabello de Castro: Possui graduação em Matemática pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC Rio (1979), Mestrado em Educação pela Fundação Getúlio Vargas (1990), Doutora em Psicologia pela - PUC Rio (1995). Pós-doutorado em Comunicação pela Université de Montréal (2012). Professora aposentada da UERJ.

COMO REFERENCIAR ESTE ARTIGO

LUIZ, Lucio; CASTRO, Monica Rabello de. Histórias em quadrinhos na educação básica: um estudo das representações sociais de professores. **Revista Educação, Pesquisa e Inclusão**, Boa Vista, v. 1, p. 145-155, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18227/2675-3294repi.v1i0.6532>. E-ISSN: 2675-3294

Submetido em: 15/06/2020

Revisões requeridas em: 20/07/2020

Aprovado em: 04/08/2020